

A vida feito livro¹

Life as a Book

Jaime Ginzburg*

BERGER (43)

Caminhava no parque quando viu.
E viu que a vida já não era a mesma.
A mesma, sempre outra, feito um livro.
Que, sentado na pedra, ele leu:

“(...) Ao léu, imaginou-se uma cebola
misteriosa, em camadas, compacta.
Mas em cada camada (cada capa)
uma dor que, no tempo, se esconde.

Berger, cebola, quis: ao temperar
ia surpreender todos os dentes
rindo, em vez das cortantes (facas) lágrimas. (...)”

Cebolas, pedras, lágrimas voltavam
– risos, temperos, páginas também.
E Berger viu que o mundo era ele em verso...

A contradição formulada no terceiro verso do poema Berger, a vida como mesma e sempre outra, oferece um caminho produtivo para a interpretação dos poemas de *Personecontos*, de Wilberth Salgueiro.

¹ GINZBURG, Jaime. A vida feito livro. In: BITH. *Personecontos*. Vitória: Flor&Cultura, 2004. p. 102-103.

* Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFGRS).

Sustentados em um dualismo formal, com propriedades de lírica e de narrativa, os textos são exigentes em termos de construção. Frequentemente se organizam em termos de referências a indivíduos e ações, em relação aos quais são formuladas observações. No caso de Berger, é exposto um procedimento que, de modo difuso, permeia todo o trabalho: a incorporação de sinais da atividade de leitor ao trabalho da escrita. A segunda e a terceira estrofe transcrevem o suposto trecho de um livro; esse trecho se converte em matéria expressiva da própria vida exposta.

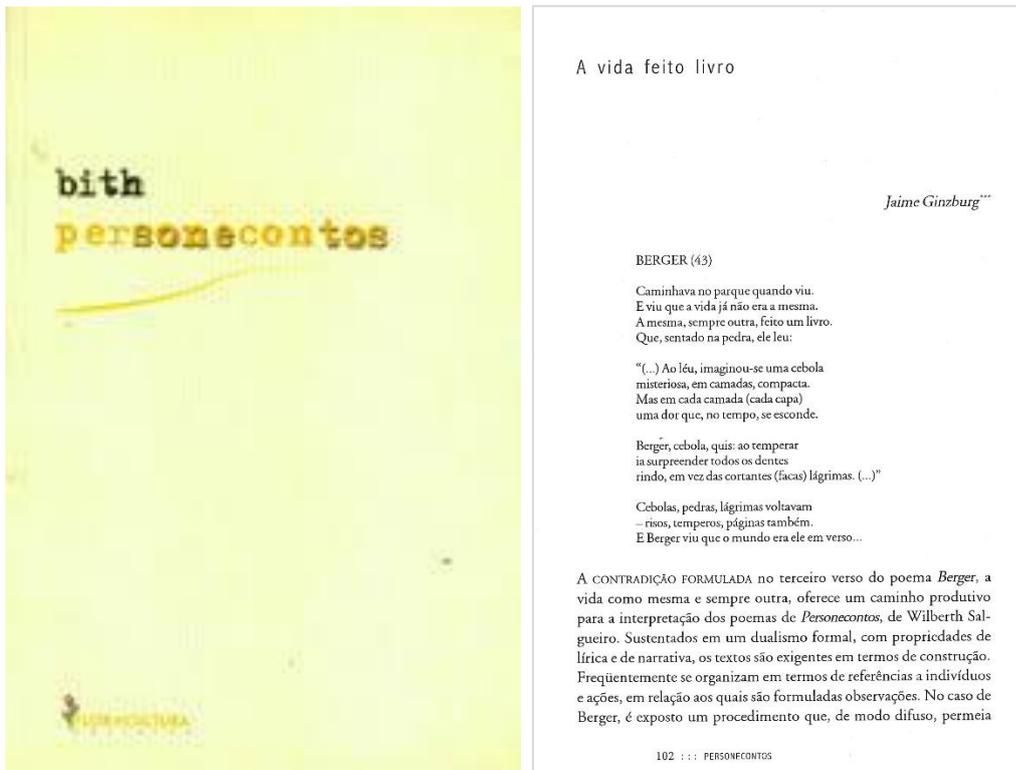
A construção fabular, que fala de uma reação insólita à cebola, o riso que substitui o choro, elabora ironicamente a manifestação da dor profunda, que se inscreve em cada camada de vida, como se a experiência encontrasse no sofrimento sua própria base constitutiva. A pedra, imagem austera da permanência, é tensionada pelo reconhecimento das transformações trazidas pelo tempo, indicadas na primeira estrofe. Essa articulação entre o que permanece e o que se transforma, o mesmo e o outro, esteve na tradição da lírica de língua portuguesa, desde os sonetos de Luís de Camões.

A abertura construída em tom de crônica trivial, seguida de meditação sobre o tempo, e encadeamento de fábula, contrasta com a delicada imagem final, ao gosto de Calderón de la Barca, em que mundo e sujeito se conectam pela mediação do verso. Elogio da lírica, esse final é também consolidação da necessidade de existência, apesar de toda dor, da figura de Berger, motivada por essa conexão.

A produção de Wilberth Salgueiro ganha com este livro uma configuração nova, que se articula tanto com seus haicais como com seu ensaio crítico e historiográfico sobre a poesia brasileira contemporânea, *Forças e formas*². Tanto

² Trata-se de *Forças e formas*: aspectos da poesia brasileira (dos anos 70 aos 90). Vitória: Edufes, 2002. A 2ª edição está disponível em: <https://repositorio.ufes.br/bitstream/10/11970/1/digital_forcas-e-formas.pdf>. (N. E.)

a produção literária como a ensaística são conduzidas por uma força comum, que se apresenta como tentativa constante de reconstruir e reelaborar, com maturidade e convicção, mediações constituídas poeticamente para as relações entre sujeito e mundo, relações que permanecem e relações que se transformam.



Capa de *Personecontos*, de Bith, e a página inicial do texto de Jaime Ginzburg.